**A morte não é o fim, mas foi.**

 Jamila Abreu

Só quem já experimentou a dor da perda de um ente querido sabe o que é padecer, e, ainda assim, não morrer. Decerto, caro leitor, você já chorou, clamou, questionou-se ou, quem sabe, bradou até com Deus o porquê de um fato tão doloroso, penoso e amargo.

A resposta tarda, mas não falha. O adágio vai ao encontro de que a morte é a única certeza de que temos nesta vida. E assim, vai-se tocando a vida, (in) conformados com palavras amigas, quiçá, vazias. Afinal, é preciso achar um sentido para a vida, antes que a morte o encontre para juntos celebrar a vida eterna.

Não me peças a causa de tanta reflexão sobre a antítese vida e morte, pois explicações consomem tempo e papel, e o seu tempo, caro leitor, não o quero tomar, quanto ao papel, melhor deixar pra lá.

# Era uma tarde ensolarada, porém daquelas que o sol resolve se esconder, sabe-se lá o motivo. Abro o jornal, quer dizer, as redes sociais. A manchete estampada: AVÓ DE MULHER ASSASSINADA PELO EX-MARIDO EM SÃO BENTO NÃO SUPORTA A DOR DA PERDA E MORRE DURANTE VELÓRIO. Emudeci.

# Dona Iraci era uma velhinha de 84 anos de idade, de São Bento, interior da Paraíba. Talvez, neste momento que lê a crônica pense que..., mas antes que isto aconteça, sinto-me na obrigação de interromper seus pensamentos triviais. Não. Não era chegada a hora da Dona Iraci. Ela morreu de tristeza ao constatar que a neta, Kaliane Medeiros, estava morta.

# A lógica humana de que a velhice beira à morte e a jovialidade à vida, não faz o menor sentido. Concorda? Haja vista, a jovem perdera a vida, mormente, com muitas aspirações e sonhos a realizar. Lado outro, Dona Iraci, ainda que duvide, curioso leitor, quem sabe estivesse a espera para comemorar a concretude dos sonhos da neta, e mesmo em idade avançada, experimentaria a alegria mais sincera e genuína que já sentira.

# Talvez seja um leitor contumaz, motivo pelo qual, até o momento, não concordemos em nada com o que foi escrito nesta crônica. Não obstante, entremos em um acordo. A morte libertou Dona Iraci do sofrimento. Todavia a vida de Kaliane fora interrompida por um ato covarde, pusilânime e hediondo.

# Caro leitor, insisto, mas, se ainda assim, em nada concordar com esta cronista comovida com tamanha covardia praticada pelo autor do feminicídio – crime repudiado pela sociedade – embora tenha se tornado tão corriqueiro, há de concordar comigo que Kaliane e sua avó ornamentam, neste momento, os céus com a perfeição do amor fraterno e da vida eterna.

**Jamila Cristian Abreu Fernandes** é professora e especialista em Língua, Linguagem e Ensino. Atua na área da educação há mais de duas décadas. Advogada e especialista em Direito Penal e Processo Penal.